

**ENTRE ILHAS:  
ORIGENS, DESVIOS E NARRATIVAS NA MEDIAÇÃO CULTURAL<sup>1</sup>**

***BETWEEN ISLANDS:  
ORIGINS, DEVIATIONS, AND NARRATIVES IN CULTURAL MEDIATION***

Andressa Argenta / UDESC  
Carolina Ramos Nunes / UDESC

**RESUMO**

Este texto problematiza o termo mediação cultural a partir de diversos aportes teóricos, tanto da área das artes visuais, quanto da arte educação, como também da educação e da filosofia. A partir de levantamentos bibliográficos, o texto pretende trazer as origens de algumas conceituações em torno da temática de mediação cultural, concomitante a duas pesquisas em realização, para ampliar e desdobrar essa noção para o campo da cultura, da educação e da arte. Nesse percurso de escrita, a mediação se torna uma potência para a invenção, saindo de parâmetros pré-estabelecidos ao navegar por entre ilhas, cruzando investigações que perpassam a cartografia, a narrativa, o devir e a fabulação, temas investigativos das autoras do presente artigo que se encontram em processo de doutoramento.

**PALAVRAS-CHAVE**

Artes Visuais; Mediação cultural; Origens; Narrativas; Fabulação; Cartografia.

**ABSTRACT**

*This text problematizes the term cultural mediation from various theoretical contributions, both in the area of the visual arts and the art education, as well as education and philosophy. Based on bibliographical surveys, the text intends to bring the origins of some conceptualizations around the theme of cultural mediation, concomitant to two researches in progress, to broaden and unfold this notion for the field of culture, education and art. In this writing process, mediation becomes a power for invention, leaving pre-established parameters when navigating between islands, crossing investigations that pervade cartography, narrative, becoming and fable, investigative themes of the authors of this article which are in the process of being a doctor.*

**KEYWORDS**

*Visual arts; Cultural mediation; Origins; Narratives; Fiction; Cartography.*

## Origens...

Quais as origens da mediação? Seria a mesma da mediação cultural? Ao procurar em dicionários tem-se uma série de verbetes com o termo *mediação*, mas com conceitos completamente diferentes. Derivada do latim *mediatio e mediari* seria “*intervir, colocar-se entre duas partes*”, ainda *de medius* que seria “*meio*”. O termo *mediação* no dicionário brasileiro da língua portuguesa<sup>2</sup> possui diferentes definições: “*Ação ou efeito de mediar. Ação de auxiliar como intermediário entre indivíduos ou grupo de pessoas; intervenção*”; no sentido religioso temos “*ação de interceder junto a uma divindade (santo) para conseguir sua proteção*”; na noção jurídica seria um “*procedimento que busca o desenvolvimento de um litígio (de maneira amigável), através da utilização de um intermediário entre as partes conflitantes*”. O termo *mediação*, também é utilizado na comunicação por ser uma operação semiótica de tradução (DARRAS, 2009, p.35), em que a mediação seria um processo de acompanhamento semiótico de inter-relação necessária que intervém em cada ocasião dos signos, ou seja, uma espécie de mediador como um dispositivo, máquina ou humano, uma espécie de intérprete que se insinua no processo semiótico elementar “para lhe inserir os interpretantes destinados a facilitar, efetivar, enriquecer, ampliar e mesmo questionar o processo interpretativo” (DARRAS, 2009, p.35).

Por outro lado, tem-se a palavra *mediação* junto com o termo *cultural*, e será sobre esta junção que se pretende discorrer e desdobrar neste artigo, abordando suas origens, além de desvios e narrativas nas perspectivas de duas pesquisas em desenvolvimento de doutorado, aqui presentes.

Então o que seria a mediação cultural? Dentro da concepção e área do ensino das artes visuais, seria um espaço de educação dentro de museus e instituições culturais semelhantes, para que seus acervos e ou objetos de exibição sejam articulados, de modo a propiciar possíveis ressignificações ao público. Segundo

ARGENTA, Andressa; NUNES, Carolina Ramos. Entre ilhas: origens, desvios e narrativas na mediação cultural, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 1581-1595.

Favaretto (2007) em suas conferências, é necessário problematizar o universo da função educativa, o ideal de cultura e arte dessas instituições em que o mediador se insere.

O conceito de educação como mediação segundo Ana Mae Barbosa (2009) vem sendo construído ao longo dos séculos. Sócrates, John Dewey, Vygotsky e muitos outros autores atribuem ao sujeito, ou grupo social, o encargo da aprendizagem, colocando o papel do professor como um organizador, estimulador, questionador, aglutinador. Entretanto o professor mediador é tudo isso. E então o que seria o *mediador cultural*?

Para tanto, é importante problematizar alguns paradigmas sobre a mediação e o professor mediador. Nessa perspectiva, Bernard Darras (2009) apresenta que, no domínio cultural artístico, podemos distinguir duas abordagens de mediação: a diretiva e a construtivista. A mediação diretiva impõe um único tipo de compreensão cultural, fornece só uma forma interpretativa. Já a mediação construtivista contribui para a construção dos processos interpretativos pelo “destinatário” da mediação por meios problemáticos, interrogativos, práticos e interativos. Essa abordagem ancora-se em um processo de imersão, em que a mediação se faz de maneira não formal no meio cultural; ou seja, no diretivo a mediação é um dispositivo formal de transmissão de conhecimento “erudito”, dividindo entre “aqueles que sabem e aqueles que não sabem”; e no sentido construtivista, a mediação é troca, no sentido de compartilhamento.

A “mediação” era tradicionalmente exercida em espaços como ateliês, por meio de visitas guiadas, sendo unicamente diretivas, pautando-se na informação, no discurso dos historiadores, críticos e curadores. Esse modelo de mediação afirma e confirma o lugar da obra e do autor, no caso do artista no mundo da arte. Sendo assim, exclui o sujeito que queira se aproximar, pois é um discurso pautado em questões objetivas e específicas, verdades estabelecidas. Este dispositivo nada mais é que

uma herança elitista excludente, que desconsidera o olhar próprio do espectador. Entretanto, a prática da mediação está passando por transformações em consonância com os paradigmas contemporâneos do campo da arte e da própria arte/educação (COUTINHO, 2009, p.172).

Historicamente, a função do mediador surgiu por distinção de ofícios conexos, como por exemplo, o ofício do professor. A criação do Ministério da Cultura, provindo do Ministério da Educação, evidenciou a questão de quem tornaria possível o acesso ao maior número de obras de arte e à cultura (CALLET, 2009). Nos anos 1960, André Malraux aposta na estimulação do encontro com obras primas acompanhada de uma política de agenciamento às casas de cultura; sendo que nesse momento os professores exerciam a função de serviços pedagógicos, “a mediação surge da dificuldade desses serviços que passaram a reconstruir a escola em espaços culturais” (CALLET, 2009, p.74). Na década de 1990, o fluxo de público que passa a frequentar museus e espaços culturais foi se expandindo, de forma que surgiu a necessidade de ‘se educar’ esse grande público de “fruidores”. Em contrapartida, o movimento de arte/educação no Brasil vinha “trabalhando em busca de diminuir o abismo entre o campo da arte e o da educação, universos conflituosos até mesmo de difícil interpenetração” (COUTINHO, 2009 p.173).

Desejando entender essa “fruição” como um processo de aprendizagem, de apropriação de conhecimento, Barbosa nos evidencia que:

O descompromisso da arte com a rigidez dos julgamentos que se limitam a decidir o que é certo e o que é errado estimula o comportamento exploratório, válvula propulsora do desejo de aprendizagem. Por meio da arte, é possível desenvolver a percepção e a imaginação para apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica permitindo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada (BARBOSA, 2009, p.21).

A educação como um exercício de mediação vem sendo construído ao longo dos séculos tendo o professor exercido diversos papéis, entre eles o de professor

ARGENTA, Andressa; NUNES, Carolina Ramos. Entre ilhas: origens, desvios e narrativas na mediação cultural, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 1581-1595.

mediador. Ensinar não é *transferir conhecimento*, mas criar possibilidades para sua produção e/ou sua construção. (FREIRE, 2013, p. 24). Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém, ninguém aprende nada sozinho, Paulo Freire consagra na contemporaneidade essa ideia. No entanto, a ação do educador não se reduz a transmissão de conhecimento, mas ativa a construção de tramas que articulam conteúdos, mundo, vida, experiências (próprias e dos outros) num todo bastante complexo, pois como afirma Martins, a mediação é um estar entre, “[...] compreendida não como uma ponte entre quem sabe e quem não sabe, entre a obra e o espectador, mas como um ‘estar entre muitos’ [...]” (MARTINS, 2007, p. 07).

Diante da afirmação acima, o mediador fica situado no entre, sem um solo físico de ancoragem, mas em uma margem profícua de norteamento do seu percurso. Esse percurso não é solitário, mas encontra outros interlocutores, necessários para que a solidão não consuma o mediador dentro de seu próprio mundo e o limite ao navegar. Martins frisa que:

Em nosso percurso de pesquisadores, olhamos para a prática de outros professores da maneira que olhamos para nosso próprio trabalho de educadores. Um exercício de olhar para nós mesmos e pensar nossas ações olhando também para ações de outros, em reflexões que nos alimentam como professores- pesquisadores, tendo como foco a própria ação mediadora [...] O estar entre muitos nos coloca na posição de quem também há de viver uma experiência, estendendo-a a outros, uma vez que a vivemos com intensidade. (MARTINS, 2007 p.07)

O exercício, muitas vezes difícil, de olhar a nós mesmos e olhar ao outro como se estivéssemos nos observando, corrobora para que o mediador continue na fresta, na dobra, no devir entre espaços de arte e educação.

**Desvios...**

Estar entre muitos potencializa encontros (seja com o objeto de arte, história, espaço, artistas, curadores, conceitos). Neste sentido, a ideia de *intermezzo* de Deleuze (2005, p.44) é pertinente, pois o mediador é aquele que se encontra entre

ARGENTA, Andressa; NUNES, Carolina Ramos. Entre ilhas: origens, desvios e narrativas na mediação cultural, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 1581-1595.

as coisas, as informações, as histórias contadas e criadas. A mediação é um ato de se colocar em presença, para que experiências individuais se tornem fluxos em uma experiência coletiva, desbravando territórios desconhecidos, viajando e descobrindo novas paisagens, pois para Martins é,

Andar. Trilhar. Percorrer. Deslocar-se. Mover-se. Inquietar-se. Parar. Olhar. Observar. Contemplar. Achar estranho. Encantar-se. Surpreender-se. Conversas. Perguntas. Respostas. Dúvidas. Interação. Conexão. Escutas. Falas. Respiração. Silêncio (MARTINS, 2012 p.07).

Entre instituição, objeto, obra, ação cultural e espectador, etc., estudam-se de forma mais atenta os processos de construção do percurso de um mediador – diferentes modos de produção, de criação e de procedimentos artísticos. Reverbera, nessa ação, o tempo desta criação com o outro, não como um saber estanque e estagnado, mas como dimensão discursiva perante diferentes contextos, necessários para adequarem-se às diversas situações que ocorrem em uma instituição cultural.

Há uma interface propositiva de criação na prática do mediador, espaço de troca entre e com o outro. Algo com potência para o pensamento do todo o campo da arte e da mediação cultural coabitando o mesmo lócus, possibilitando a mediação refazer-se, compor-se e recompor-se a cada troca com o outro, criando nós em suas linhas.

Nessa perspectiva, não se pode perder o ponto de vista da arte, nem da educação, muito menos do ato criador propositor e do exercício do pensar, seja no espaço, ou no tempo e condição dados.

Quando se fala de mediadores, surgem inúmeras inquisições diante da sua existência. Como ocorrem as mediações em instituições culturais? Onde elas acontecem? Quais são suas peculiaridades? Como criar brechas de acesso que fazem aparecer o /entre/ nas mediações?

ARGENTA, Andressa; NUNES, Carolina Ramos. Entre ilhas: origens, desvios e narrativas na mediação cultural, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 1581-1595.

Ser mediador, mobilizando a aprendizagem cultural da arte, é encontrar brechas de acesso, tangenciando assim os desejos, interesses e necessidades destes aprendizes, antenados aos saberes, sentimentos e informações que eles também transmitem, participando do complexo processo de comunicação. É preciso pensar em desafios instigadores e estéticos com comentários estimulantes e questões instigantes para as quais não há respostas óbvias. (MARTINS, 2011, p. 18).

Tangenciar os desejos e necessidades do público é um dos focos do mediador diante de sua brecha espaço e tempo em uma tarde qualquer em um museu qualquer. Muitas serão as particularidades e ao mesmo tempo as semelhanças encontradas entre grupos, visitantes anônimos ou olhares tateantes quando entram pelas portas da instituição cultural.

Faz-se pertinente considerar as relações estabelecidas por Coutinho (2007), que pontua a necessidade ou a relevância para que o mediador “busque entender a sua ação mediadora em seu contexto específico” (COUTINHO, 2007, p. 53). Quando se insere em uma mediação, entra-se na perspectiva de experiência, experiência como paixão, conforme relata Larrosa (2014):

Se a experiência é o que nos acontece, e se o sujeito da experiência é um território de passagem, então a experiência é uma paixão. Não se pode captar a experiência a partir da lógica da ação, a partir de uma reflexão do sujeito sobre si mesmo enquanto sujeito agente, a partir de uma teoria das condições de possibilidade de ação, mas assim mesmo enquanto sujeito passional. E a palavra paixão pode referir-se a várias coisas. (LARROSA, 2014, p. 28).

Sendo o sujeito da experiência, nesse caso, um sujeito propositor de mediação, um apaixonado, que habita o território da instituição. Esse mediador, sujeito de experiência, além de habitar um território de passagem, propõe lacunas, respiros no mundo em que vive, para potencializar a escuta do seu entorno e daí derivar as suas ações. No entanto, como operar nesse lugar que tende a engessar a relação entre público e obra diante de um caminho que indaga a necessidade de um conhecimento prévio de uma obra ou até mesmo uma relação pré-estabelecida com

a arte para que haja uma proficiência na mediação? Ou, ainda mais, como confrontar o mediador com seus medos diante do desconhecido?

### **Narrativas...**

Cabe considerar, nas instituições que promovem mediação cultural, há variantes que vão desde o espaço disponibilizado para a realização das proposições, o acervo, bem como o público que as frequentam. A convergência entre as variáveis é o percurso educativo proposto em uma mediação cultural com ênfase no seu processo criador, em consonância com a potência de tensionar um pensar a partir da arte e com a arte, vinculando a educação em seu encadeamento: desdobrando caminhos pertinentes entre/com a arte, o pensar, o criar e o mediar.

Dentro da mediação com ênfase em um modo do pensar, apresenta-se por intermédio da criação, uma proposição cujo intuito é gerar questões problemáticas na ânsia de criar novos mundos possíveis – fabulações (ver item *Fabulações...* abaixo). Esta criação surge a partir de uma narrativa propositiva combinada com e através da arte, como meio criativo instaurador de visualidades potentes e latentes.

A partir de dobras, desvios e narrativas, compartilhamos, mesmo que de modo introdutório, algumas fissuras de duas narrativas que pensam a mediação cultural em pesquisas contemporâneas em seus processos de doutoramento<sup>3</sup>.

### **Ilhas e cartografias...**

Nos percursos cotidianos, a cartografia, como uma proposta de pesquisa em mediação, narra práticas artísticas e educativas desenvolvidas entre museus, escolas e cidade/espços urbanos, no sentido de potencializar ações educativas no ensino das artes visuais em construção com diversas áreas de conhecimento. Assim, as ilhas seriam estes territórios por vezes isolados, mas nesta escrita por meio da fabulação desdobramos estas ilhas em potentes territórios de criação em

ARGENTA, Andressa; NUNES, Carolina Ramos. Entre ilhas: origens, desvios e narrativas na mediação cultural, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 1581-1595.



que, ao utilizar a cartografia como metodologia, os procedimentos são mais abertos e inventivos, portanto, rizomático, cheio de entradas, saídas e transbordamentos. As marés que transbordam nossas ilhas têm um sentido figurado compreendido como marés: fluxo e refluxo de acontecimentos. A ideia de cartografia, aqui referenciada em Deleuze e Guattari (1995), está inserida no sentido de resgate da dimensão subjetiva da criação e da produção do conhecimento.

O pensar acerca da mediação cultural tece-se à medida que os encontros com acontecimentos passados e os ainda por vir atravessam-se, abrindo outras brechas e fluxos. Os processos e percursos do cotidiano do mediador potencializam-se nos devires que se conectam, tecendo fios de uma meada. Nesse processo, em uma das pesquisas, as subjetividades são construídas a partir da arte, através e com arte, em caminhadas e observações de experiências com os espaços urbanos e os sujeitos. Nessa fissura e desdobramento, cartografa-se as possíveis narrativas e descobertas da arte com a cidade, como afirma Katia Canton (2009),

a arte ensina a desaprender os princípios das obviedades que são atribuídas as coisas e aos objetos e necessita de olhares e atitudes curiosas, a arte parece esmiuçar o funcionamento e os processos de vida, desafiando-os, criando para novas possibilidades. A arte pede um olhar curioso, livre de pré-conceitos e repletos de atenção. Mas ao mesmo tempo que se nutre da subjetividade, há outra importante parcela de compreensão da arte que é constituída de conhecimento objetivo envolvendo a história da arte e da vida, para que com esse material seja possível estabelecer um grande número de relações. Assim a fim de contar essa história de modo potente, efetivo, a arte precisa ser repleta de verdade. Precisa conter o espírito do tempo, refletir visão, pensamento, sentimento de pessoas, tempos e espaços (CANTON, 2009. p.13).

Os percursos com a arte pela cidade são marcados pelo olhar curioso, atento e em busca de conhecimentos. Ilhas, por elas mesmas, já provocam a atenção por suas composições. Grandes, pequenas, com montanhas, habitadas ou não, rodeadas por águas. São lugares curiosos, a conexão com outros territórios é cheia de possibilidades, peculiaridades da vida cotidiana.

Percorrer tais territórios, a fim de refletir e esmiuçar as potencialidades encontradas, deambular pelas paisagens da cidade em encontros com o outro, com memórias históricas e afetivas, são desafios da mediação cultural ao colocar a cidade como espaço de investigação com a arte. Com pensamento artístico, olhar atento e curioso, as cidades, nossas memórias e histórias são suporte para desdobramentos de conexões com a arte contemporânea. Maria Stella Bresciani (2008) em seu artigo sobre cidade, cidadania e imaginário aponta que

a cidade, estrutura física que suporta referências e fornece elementos para os símbolos e memórias coletivas, convive em nosso imaginário com a cidade labiríntica e moldável das vidas pessoais onde recordações compõem memórias sem lugar que fundam a cidade simbólica, diversa e semelhante na forma como se vê nomeada. É a própria experiência do cidadão, este ser urbano plural que constitui o imaginário moderno. (BRESCIANI, 2008. p.13)

Estes elementos simbólicos e cheios de memórias coletivas estão presentes nas pessoas, independente do lugar e contexto que habitam, pois trazem no olhar, e em suas experiências muito do que conhecem e ainda espaços a serem preenchidos. Trazer a questão da cidade para a educação, de modo amplo, torna-se relevante para afirmar a heterogeneidade de situações estéticas, poéticas, políticas e culturais presentes no contexto da cidade. Estas práticas se configuram em cartografias que formam uma rede em que não há pontos fixos, mas fluxos. Diversos pontos que se ligam simultaneamente, com muitas entradas e muitas saídas.

Para narrar cartografias sobre práticas artísticas e educativas na cidade com a mediação cultural, considera-se aquelas que vibram nesta multiplicidade que nos compõe. Pois, as caminhadas, desde as idas ao mercado até às exposições, ou mesmo, percursos banais de ônibus, viagens, paisagens, filmes, músicas, vida coletiva, entre muitas situações, provocam o olhar estético, gerando inquietudes que tecem fios, no sentido de criar práticas artísticas e educativas nas artes visuais. Se tratando de uma ilha, como território poético delimitado para pensar sobre a mediação, o deslocamento, os modos de compartilhar a cidade e descobri-la, geram

inquietudes e provocações que cruzam as fronteiras do imaginário. Como diz Ana Mae Barbosa (2009):

(...) é por meio da arte que é possível desenvolver a percepção e a imaginação para apreender a realidade do meio ambiente, desenvolvendo a capacidade crítica e criativa de modo a transformar esta mesma realidade. (BARBOSA, 2009, p. 21)

A mediação cultural a partir do olhar para cidade oportuniza o encontro com o outro, com a arte, com a educação, de modo a inserir uma narrativa poética no cotidiano citadino. Essa atitude – e proposição – propõe um pensar a arte e a educação no contexto da mediação educativa. Com a mediação cultural, propõe-se descobrir e questiona-se: quais possibilidades artísticas e educativas podem ser criadas por meio de um processo de investigação envolvendo a cidade e as pessoas? As perguntas da artista Lilian Amaral (2011), vêm ao encontro de nossas movimentações: Como nos relacionamos e aprendemos a ser com aquilo que vemos e pelo qual somos vistos? Que lugares em um mundo marcado pelo nomadismo, impermanência e simultaneidade as manifestações artísticas podem ocupar? A essas perguntas acrescentamos ainda: De que maneira as experiências estéticas com a arte e a educação são tecidas ao se caminhar pela cidade? Como se dá a mediação nesse campo? Ou ainda, como fica a mediação nesse movimento?

### **Fabulações...**

É a partir das artes visuais e da filosofia que a costura das fabulações acontecem, criando um espaço de encontro com o outro e consigo mesmo, ou seja: a arte, dentro dos espaços culturais, como objeto de problematização do mediador, a filosofia, como proposição para o criar e, o professor e/ou espectador, como um mar que conecta todos os viajantes.

Conforme Bogue e Marques (2011) a fabulação é a experimentação no real: “intervenções no universo de seus ambientes sociais, políticos, institucionais,

ARGENTA, Andressa; NUNES, Carolina Ramos. Entre ilhas: origens, desvios e narrativas na mediação cultural, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 1581-1595.

naturais e materiais.” (BOGUE; MARQUES, 2011, p. 2). Além de um experimentar o real, a partir da narrativa, tem-se a criação de um novo mundo, a partir das intervenções e invenções do e no real.

O devir, referenciado nas pesquisas de Deleuze, como um vir a ser, um movimento de fluxos constantes e atravessamentos, perpassa a fabulação e torna-se potência no percurso da mediação para criar narrativas; criar outros mundos potentes a serem apresentados. Esses percursos criados desenrolam-se nos espaços expositivos, em que a mediação toca a proposição de um *entre* como vertente poético-propositiva para estabelecer um pensamento a partir da prática educativa em instituições culturais.

Portanto, fabular seria provocar o desdobrar e desembrulhar do devir vinculado à fabulação (devir-fabulação) acerca desses espaços para propor pensamentos sobre e com a mediação em espaços culturais. Tem-se um “entre-lugar”, conforme Dias (2007), quando fala da relação do pesquisador com o espaço, ou seja, o pesquisador faz parte

[...] de um mundo de intervalos tempo/espaço, em espaços liminares, terceiros espaços, entre-lugares. Busca vários espaços, desde aqueles que nem são isso nem aquilo, àqueles que são isso e aquilo ao mesmo tempo. Busca diálogo, mediação e conversação. (DIAS, 2007, p. 7).

Esses entre lugares, não comportam somente uma existência e um tempo, pois ali tudo se condensa em um ponto infinito, um Aleph (tal qual como em Borges, 2008). Então, para pensar a mediação cultural, propõe-se a alegoria de um armário (permite-se aqui, criar outro modo de escrita, outro mundo, a partir da fabulação para falar sobre mediação): um pouco menor que o restante ao seu redor, supondo que o tamanho físico não faz mais relevância nesse estado de consciência de achar-se e perder-se. Aqui não há pudores para normativas, mas há normativas vibrantes que norteiam a jornada evasiva (ou nem tanto). Esse lócus criado (que não é mais um armário em si, mas uma potência de escrita para falar sobre o lugar da

ARGENTA, Andressa; NUNES, Carolina Ramos. Entre ilhas: origens, desvios e narrativas na mediação cultural, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 1581-1595.

mediação), precisa ser constantemente averiguado, verificado, e suas devidas fechaduras merecem generosas quantias de óleo (já que ao longo do tempo ele passará por inúmeras intempéries: os percursos da mediação).

As fabulações que atravessam o campo da pesquisa em mediação corporificam-se neste devir-fabulação, de uma pesquisa das potências e metodologias da mediação e do ensino das artes. É no estilhaçar de fragmentos de fabulação (criações de mundo) em que singularidades espalharam-se pela superfície, e neste mesmo limiar, o tempo também se redimensiona, transitando em direção a um *Aion*: [...] um instante sem espessura e sem extensão que subdivide cada presente em passado e futuro, em lugar de presentes vastos e espessos que compreendem uns com relação aos outros o futuro e o passado.” (DELEUZE, 2003, p.169)

Assim, ao pensar uma mediação, ou uma mediação atravessada pelo devir-fabulação, tem-se a criação de mundos, de narrativas, de devires cujo tempo é único, um tempo da mediação cultural.

Portanto, é na mediação que ocorre o processo de um pensar com e sobre a obra de arte e, desse modo, a relação entre o mediador, público e obra é um confronto de forças que se constitui a partir de seu encontro. Nessa perspectiva, concordamos com Martins (2011) ao enunciar o conceito de mediação proposto pelo dicionário, como ainda insuficiente para abranger todo o escopo de possibilidades que a mediação hoje possui. Tem-se em mente que foram dos levantamentos teóricos acerca das origens da mediação cultural que surgem dos processos de pesquisa de doutorado das autoras, que embora ainda que em fase de tatear as metodologias, tendem a aprofundar seus desdobramentos nas áreas da fabulação, cartografia e narrativa, aqui apresentadas.

## Notas

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

<sup>2</sup> <https://www.dicio.com.br/mediacao/>

<sup>3</sup> Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina, na linha de Ensino das Artes Visuais, Florianópolis/SC.

## Referências

AMARAL Lilian. Inter-territorialities: passagens, cartografias e imaginários. **En Revista O público e o privado** - Nº 17 - Janeiro/Junho – 2011 pg 129-141.

BARBOSA, Ana Mae. Mediação cultural é social, in BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão. (Orgs). **Arte/Educação como mediação cultural e social** – São Paulo: Ed UNESP, 2009.

BOGUE, Ronald; MARQUES, D. **Por uma teoria deleuziana da fabulação**. Petrópolis, RJ; Brasília, DF: De Petrus; CNPq, 2011. (Tradução/Artigo).

BORGES, Jorge Luis. **O aleph** (1949). São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BRESCIANI, Maria Stella. Cidade, cidadania e imaginário. In: PESAVENTO, Sandra J.; SOUZA, Célia (orgs.). **Imagens urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário**. Porto Alegre: Editora da UFRS, 2008.

CAILLET, Elisabreth. Políticas de emprego cultural e o ofício da mediação. In: BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão. (Orgs). **Arte/Educação como mediação cultural e social** – São Paulo: Ed UNESP, 2009. P.71-84

CANTON, Kátia. **Temas da arte contemporânea**. São Paulo: Martins Fontes, 2009 (Temas da arte contemporânea.)

COUTINHO, Rejane Galvão. Estratégias de mediação e a abordagem triangular, in BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão. (Orgs). **Arte/Educação como mediação cultural e social** – São Paulo: Ed UNESP, 2009 p 171-186

COUTINHO, Rejane. Entre o encontro e a provocação: a ação mediadora. In: MARTINS, Mirian Celeste Ferreira Dias; SCHULTZE, Ana Maria; EGAS, Olga. **Mediando contatos com arte e cultura**. São Paulo: UNESP, 2007.

DARRAS, Bernard. As várias concepções da cultura e seus efeitos sobre os processos de mediação cultural. in BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão. (Orgs). **Arte/Educação como mediação cultural e social** – São Paulo: Ed UNESP, 2009 p 13-22

DELEUZE, Gilles. **Lógica do Sentido**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** São Paulo: Ed. 34, 2005.

\_\_\_\_\_, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**. v.1. Rio de Janeiro: Ed. 34 Letras, 1995.

ARGENTA, Andressa; NUNES, Carolina Ramos. Entre ilhas: origens, desvios e narrativas na mediação cultural, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 1581-1595.

\_\_\_\_\_, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2, v.01.** - São Paulo: Ed. 34, 1995, 2ª edição 2011.

DIAS, Belidson. Preliminares: A/r/tografia como metodologia e pedagogia em Artes. In: do XVII CONFAEB, 17. – COLÓQUIO SOBRE O ENSINO DE ARTE. 4. 2007. Florianópolis. **Anais:** Disponível em: <<http://aaesc.udesc.br/confaeb/Anais/belidson.pdf>>. Acesso em: 21 jan. 2017, P.01-08.

FAVARETTO, Celso. **Entre a proximidade e a provocação: a ação mediadora.** In: MARTINS, Mirian Celeste Ferreira Dias; SCHULTZE, Ana Maria; EGAS, Olga. Mediando contatos com arte e cultura. São Paulo: UNESP, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes práticos à prática educativa.** 45ª ed – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

LARROSA, Jorge. **Tremores:** escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

MARTINS, Mirian celeste, PSCOSQUE, Gisa. **Mediação cultural para professores andarilhos na cultura.** 2ª Edição. – São Paulo: Intermeios, 2012.

MARTINS, Mirian Celeste. Aquecendo uma transformação: atitudes e valores no ensino de Arte. In: BARBOSA, Ana Mae (Org.). **Inquietações e mudanças no ensino da arte.** São Paulo: Cortez, 2011, 6 ed. p. 49-60.

MARTINS, Mirian Celeste; SCHULTZE, Ana Maria. EGAS, Olga (Org.). **Mediando [con]tatos com arte e cultura:** Grupo de Pesquisa Mediação: arte/cultura/público. 1. ed. São Paulo: Programa de Pós-graduação do Instituto de Artes/UNESP, 2007, v. 1, p. 61-73

### **Andressa Argenta**

Professora, Artista e pesquisadora. Doutoranda do PPGAV/UEDESC com orientação da Profa Dra Elaine Schmidlin, mestre (2018) em Artes Visuais pelo mesmo programa. Bacharel (2014) e Licenciada (2011) em Artes Visuais - Desenho e Plástica, ambos pela UFSM. Membro do Grupo de Pesquisas Arte, Educação e Cultura (GEPaec) e Grupo Entre Paisagens (UEDESC). Integrante do Projeto Armazém e Espaço Cultural Armazém - Coletivo Elza – Florianópolis/SC. Contato: andyartesvisuais@gmail.com.

### **Carolina Ramos Nunes**

Graduação em Artes Visuais, licenciatura, pela UDESC (2013). Especialização em Mídias na Educação pela UAB no IFSC (2015). Mestrado em Artes Visuais pelo PPGAV da UDESC (2017) e doutoranda em Artes Visuais pelo mesmo programa (turma de 2018) na linha de pesquisa do Ensino das Artes Visuais, com orientação da Profa Dra Elaine Schmidlin. Atualmente é Arte Educadora da Fundação Cultural Badesc e Professora Efetiva de Artes na Escola Estadual José Matias Zimmermann. Contato: c.nunesra@gmail.com.

ARGENTA, Andressa; NUNES, Carolina Ramos. Entre ilhas: origens, desvios e narrativas na mediação cultural, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 1581-1595.